



1. O ANTROPOCENO, A CRISE CLIMÁTICA

A incerteza da contemporaneidade, o antropoceno, a crise climática. A teoria de Gaia indica, em meados da década de 1960 (Lovelock, Maturana, Capra), a necessidade de outros paradigmas no tratamento do tema. O Antropoceno (Latour), como idade geológica do planeta, sucede o Holoceno (que inicia após o fim da última glaciação, há 12.000 anos) e é a idade geológica na qual vivemos atualmente.

A incerteza inscrita nesse cenário provém da fragilidade das conexões entre vida humana como a conhecemos e Gaia (Lovelock). O modo de produção se configura como capitalista financeiro – definido pela circulação de apostas sobre o futuro dos bens e serviços – e supõe por isso mesmo (o sentido do jogo) crises sucessivas que, por sua natureza, removem horizontes e tornam o cotidiano incerto (Lefebvre, Barreira, Wisnik).

A crise climática (verificar os preparativos para a COP-30 em 2025 em Belém do Pará) consiste no cenário de desequilíbrio iminente de Gaia (Lovelock). Consideraremos que é acompanhada de crises econômicas como a crise financeira global de 2008, sanitária de 2020 e social.

Estabelecidos os fatores dos processos industriais (extração e tratamento de recursos naturais, trabalho sistematizado, conhecimento científico aplicado e capital concentrado) passamos à questão ambiental, que aparece como problema em meados do século XX quando a quantidade de forças produtivas mostra o desequilíbrio entre a ação humana e a manutenção da natureza que começou séculos antes, como um desequilíbrio ancestral (Povinelli).

Manter os recursos materiais ‘necessários para as próximas gerações’ (Brundtland) tornou-se uma questão na medida em que as forças produtivas alteram pelo crescimento de seu volume (Kurz), o equilíbrio dos fatores naturais e, conforme indicado ao longo deste curso, ameaçam sua reposição.

2. A PRODUÇÃO DO CONSUMO

Diferencia ‘indústria’ (Marx, Singer) de ‘indústria cultural’ e apresenta a teoria da indústria cultural (Adorno), parte integrante da Teoria Crítica (Escola de Frankfurt), que aponta o “engessamento” dos valores Iluministas e sua redução à lógica da empresa (dinheiro) e do Estado (poder) fazendo desses valores os elementos fundantes de uma ordem mundial pós-industrial (Habermas), que sinaliza uma nova ruptura civilizacional com a Modernidade (Flusser).

Em meados do século XX ocorre, de acordo com autores (Matos) uma mudança de modo de produção, de capitalista industrial para capitalista de consumo. Tratamos então da produção de sentidos no interior desse capitalismo pós-industrial e como estes se afirmam como a essência da nova forma da mercadoria, a simbólica (Baudrillard, Featherstone), numa sociedade de ‘consumidores’ (Arendt).

A noção de ‘indústria cultural’ explica a transformação da cultura em mercadoria. É uma teoria elaborada no contexto da teoria crítica da Escola de Frankfurt, nos anos 1940 após a Segunda Guerra, por dois de seus principais pesquisadores, Theodor Adorno e Max Horkheimer.

Consegue explicar como, após a transição do capitalismo concorrencial da primeira fase para um capitalismo monopolista a partir dos anos 1920 (pós-Primeira Guerra), o sistema coloniza novos âmbitos da vida, nomeadamente a vivência cotidiana da cultura, transformando ações antes gratuitas e vitais em mercadoria (Marx), ou seja, em bens com valor de troca e, por essa via inaugurando uma nova mercadoria, a própria cultura.

A expansão acentuada das forças produtivas durante a Segunda Guerra Mundial causa, ao seu final, a desmobilização de parte delas. Tal força excessiva, agora disponível, precisa encontrar forma de ser utilizada e o faz pela manipulação do caráter cultural do consumo, criando hábitos dos quais deriva mercadorias novas. Trata-se, neste ponto, não mais de concorrer pelo consumidor, como no capitalismo liberal, mas de criar novos consumidores a partir de novas necessidades. A cultura é o ponto de apoio para a satisfação dessa nova realidade.

A partir dos anos 1960 a crítica do que se via como consumo desnecessário e predador (ver ‘anti-design’) indica o problema no nosso campo. Na sequência, movimentos como Memphis, nos anos 1980, apontam o fracasso do movimento contracultural e lamentam (através da ironia) essa perda. O pastiche constitui a fixação, como mercadoria, do próprio chiste, da brincadeira, do jogo de emoções. Memphis é ainda uma mimetização desse problema.

Simultaneamente, ainda na década de 1980, a confluência entre capital financeiro e meios de comunicação instantâneos ajuda a constituir um modo de produção chamado pós-industrial. A indústria cultural toma então sua forma atual, de serviços integrados e personalizados, e o campo dominante do design se transforma mais uma vez, agora para corresponder a tal cenário.



As novas formas, os novos objetos, serviços e necessidades são instáveis, sujeitos à mudança permanente (Baudrillard, Flusser) para permitir a expansão constante do consumo. A aparição de novos sistemas flexíveis nos 'anos dourados' (Hobsbawm) já aponta para a superação do modo mecânico e a constituição de um novo, pós-industrial.

A noção de 'sociedade de consumidores' (Arendt) indica a realização de um corte relativamente à possibilidade de outra participação na cultura a não ser de forma vazia pois aquilo que é vendido como cultura não se realiza como tal, mas apenas como consumo, ou seja, como necessidade vital e não como realização individual. A constituição dessas novas relações sociais (Featherstone, Baudrillard, Debord, Foucault), nessa sociedade de consumidores (e não de criadores), exige que o design se adapte.

3. A PRODUÇÃO FLEXÍVEL

Do toyotismo à revolução da tecnologia da informação e ao capitalismo de plataforma. O surgimento de um novo paradigma, constituído pela produção, circulação e valorização da informação enquanto mercadoria, indica a existência de novas relações sociais e caracteriza um novo modo de produção, pós-industrial, conforme indicado no tópico anterior. Este tópico desenvolve a noção de toyotismo como fundamento da produção sob demanda.

Trataremos da inteligência artificial e sua relação com as determinações materiais da geração de riqueza, ou seja, os processos de produção industriais de mercadorias. Porém, também no nível simbólico, ela ajuda a produzir indivíduos socialmente diferenciados pelas relações sociais que os mantêm e restringem, simultaneamente.

4. O MUNDO CODIFICADO

O exame da natureza cultural e tardia do capitalismo (Jameson) no final do século XX permite retornar a uma das ideias iniciais do curso (Etapa 1, FSPD-1), a do jogo como parte constitutiva da cultura humana (Huizinga), desta vez aparente nessa forma tardia do capitalismo: vejam-se os cassinos financeiros internacionais e o trabalho reduzido dos aplicativos (e-trabalho). A quem serve a produção e a naturalização dessas narrativas? Qual o papel do design nesse sistema?

Nesse quadro outras epistemologias (a exemplo da Teoria Crítica no início do XX) também se contrapuseram à vaga positivista nas ciências. As teorias da complexidade (Capra) servem de exemplo para mostrar a diversidade desse pensamento, crítico à redução moderna dos valores à funcionalidade da empresa e do Estado e também da redução de seu potencial emancipador, que os ideais modernos ainda manteriam, enquanto portadores de uma potência iluminista (Habermas).

No campo do design surgem narrativas específicas (Argan, Flusser) que levam à sua redefinição relativamente aos pressupostos industriais, por motivos (indústria cultural, engessamento do modo-de-produção) que examinaremos ao longo deste curso.

Questiona-se aqui o conceito de projeto, substituído pelo que autores (Argan) chamam de programação que, por sua vez, se apoia fortemente no componente cultural (Jameson). O valor simbólico dos bens e dos serviços determina seu valor de troca.

Percebe-se o surgimento de um ambiente completamente artificial e simbólico que produz, reproduz e legitima signos. Considera-se que as máquinas de inteligência artificial são a face visível de programações (comandos, algoritmos, robôs) ativas no coração desse cenário, de legitimação de signos.

5. O DESIGN COMO PRODUÇÃO DE VALORES

A criação estruturada (industrial) de valores compartilhados socialmente, carregados de sentidos, cujas bases estão explicadas na teoria da indústria cultural, deve ser vista como um dos fatores fundamentais da criação do valor das mercadorias (que leva à ampliação do capital) na nossa época.

Como sabemos, no entanto, a partir mesmo dessa teoria (da indústria cultural) a cultura, mesmo industrializada, despersonalizada e reduzida em seus valores principais, mantém ainda alguma energia de transformação. Trata-se assim de entender as limitações que a época (o sistema econômico, as relações sociais de produção e de poder, a relação da técnica com a natureza, etc) impõe mas, também, as heterodoxias que, como todas as épocas, esta também carrega.



- O curso se organiza em torno de leituras que funcionam como pontos de partida para a discussão dos temas indicados na ementa e no conteúdo programático.
- Ao longo do semestre os alunos realizam discussões de textos indicados, elaboram textos e pesquisam em bases de dados acadêmicas e, ao final, apresentam uma visão teórica do projeto desenvolvido no componente Projeto.
- O curso contempla a leitura de projetos e a elaboração de textos teóricos sobre projetos analisados.
- O aluno deve manter um caderno de anotações para registro do conteúdo das aulas.
- Como forma de se preparar para as avaliações, o aluno deve:
 - Realizar leituras sobre os temas (ver lista na bibliografia do curso)
 - Buscar uma visão geral do tema nas ferramentas de IA para posteriormente analisar e articular com as referências indicadas, que prevalecem
 - Pesquisar nas bases de dados Pergamum (UPM), Capes e Scielo
- Todos os exercícios devem conter:
 - Título e subtítulo
 - Nomes completos e matrículas dos alunos
 - Nome da universidade, da faculdade, do curso, do componente, do professor
 - Local (São Paulo)
 - Data (mês e ano)
 - Páginas numeradas
 - Créditos das imagens
 - Lista das fontes consultadas, de acordo com as normas ABNT, disponíveis aqui:
 - [Guia Mackenzie de Trabalhos Acadêmicos](#)

[MORE Universidade Federal de Santa Catarina](#)

Avaliação



NI-1 / PESO 4

NOTA A / EM EQUIPE / MAPA CONCEITUAL DAS TEORIAS / PESO 2

- Relacionar teorias, conceitos e acontecimentos históricos mostrando um quadro geral de todas as teorias abordadas até este momento no Curso
- Formato: mapa conceitual, folha tamanho A1
- Preparação ao longo da semana anterior, em casa:
 - Informar-se sobre fatos históricos relacionados ao tema
 - Conhecer a biografia e o contexto intelectual dos autores
 - Buscar imagens

NOTA B / INDIVIDUAL / TEXTO SOBRE O CONJUNTO DAS TEORIAS / PESO 8

- Individual, manuscrito (máximo 30 linhas, folha fornecida), em classe, sem consulta
- Fornecer uma visão geral das teorias tratadas no curso mencionando todos os pontos do programa, estabelecendo articulações entre eles
- Preparar-se previamente durante a semana:
 - Realizar leituras sobre os temas (ver lista na bibliografia do curso)
 - Buscar uma visão geral do tema nas ferramentas de IA
 - Pesquisar nas bases de dados da Universidade, Capes e Scielo

NI-2 / PESO 6

NOTA F / EM EQUIPE / ESCOLHA DO TEXTO DE APOIO / PESO 1

- Equipe apresenta ao professor uma sugestão de texto teórico dentre aqueles listados na bibliografia do curso e explica como ele será útil para seu trabalho

NOTA G / EM EQUIPE / TEXTO DO CADERNO DE PROJETO / PESO 7

- A partir das teorias tratadas no Curso e da escolha de um dos textos da bibliografia a equipe deverá produzir um texto de apresentação do projeto desenvolvido no componente Projeto, relacionando-o com as teorias escolhidas:
 - Até 700 palavras excluindo elementos pré e pós-textuais
 - Escrita revisada para eliminar erros de digitação e ajustar gramática
 - Uso de sintaxe formal e linguagem consistente com a apresentação do tema
- Conteúdo:
 - Título e subtítulo indicando teoria e projeto
 - Apresentação dos aspectos teóricos
 - Apresentação do projeto
 - Relação da teoria com o projeto
- Identificação no alto da página:
 - Título e subtítulo em negrito, caixa alta, centralizado
 - Nomes completos e matrículas dos alunos
 - Nome da Universidade, da Faculdade, do Curso, do Componente, do Professor
 - Local (São Paulo)
 - Data (mês e ano)
- Lista das fontes consultadas (de acordo com as normas ABNT) no final da página
- Formato:
 - Arquivo PDF
 - Diagramar para que todo o conteúdo caiba em apenas uma página A4

NOTA I / PROVA COMUM / PESO 2

- A Prova Comum combina questões dissertativas e de múltipla escolha e objetiva sondar o entendimento de conteúdos-chave ministrados nos componentes curriculares da etapa. Alocada como Avaliação I (N2), compõe as Médias Finais de todos os componentes curriculares.



PROVA SUBSTITUTIVA / Individual, escrita, sem consulta, toda a matéria do semestre

PROVA FINAL / Individual, escrita, sem consulta, toda a matéria do semestre

Bibliografia básica

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade** – seleção de textos: Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (119 p.) p. 7-74. A indústria cultural: o Iluminismo como mistificação das massas.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. 1 ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. (159 p.) p. 9-126. Onde aterrar?

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002. (216 p.) p. 130-45. Os significados das coisas.

Bibliografia Complementar

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2007. 213 p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** – a era da informação: economia, sociedade e cultura (volume 1). 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (698 p.) p. 67-118. A revolução da tecnologia da informação.

COZMAN, Fábio G., PLONSKI, Guilherme Ary, NERI, Hugo (orgs.). **Inteligência artificial: avanços e tendências**. São Paulo: USP/IEA, 2021. 414 p. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/650/579/2181>. Acesso em: 6 set. 2022.

Bibliografia Adicional

REFERÊNCIAS POR CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. O ANTROPOCENO, A CRISE CLIMÁTICA

ACOSTA, Alberto. **O bem viver** – uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016. (262 p.) p. 51-74. O desenvolvimento: da euforia ao desencanto.

ARRUDA, Isleide Fontenelle. Dilemas éticos na cultura do consumo: antropoceno, psicanálise e capitalismo como modo de operação das paixões. **Estudos Avançados**, Universidade de São Paulo, n. 37, vol. 107, Jan-Apr. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2023.37107.019>. Acesso em: 28 mar. 2023.

BARREIRA, Marcos Rodrigues Alves. Henri Lefebvre: a crítica da vida cotidiana na experiência da modernidade. **Universidade do Estado do Rio de Janeiro**, Psicologia Social, tese (doutorado), 2009, 168 p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp139600.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2021.

BRUNDTLAND, Gro Harlem. Our common future – report of the World Commission on Environment and Development. **United Nations**, General Assembly, 4 Aug. 1987. (374 p.) Our Common Future, Chapter 1: A Threatened Future. Disponível em: <http://www.un-documents.net/wced-ocf.htm>. Acesso em 10 ago. 2024.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida** – uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2001. (256 p.) p. 90-7. Gaia – a Terra viva. / p. 97-8. Uma síntese prévia.

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño** – la realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca, 2016. (286 p.) p. 25-44. Introducción.

GOLDENBERG, José. Trinta anos da Convenção do Clima. **Estudos Avançados**, Universidade de São Paulo, n. 37, vol. 107, p. 277-87, março 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/kzFsgKMJCyXRzqM8FTdsqVw/?lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2023.

HONORATO, Bruno Eduardo Freitas, SILVA, Everton Rodrigues da. Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno. [resenha da obra: LATOUR, B. Onde aterrar? (...) Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.]. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 19, n. 2, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, abr.-jun. 2021. p. 391-4. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395120200238>. Acesso em: 8 fev. 2022.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. (159 p.) p. 9-126. Onde aterrar?

LOVELOCK, James. **A vingança de gaia**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006. (159 p.) p. 27-46. O que é gaia?



MARRAS, Stelio Alessandro. A emergência do antropoceno: hesitar, refletir e agir. **Instituto de Estudos Avançados**, Universidade de São Paulo, 12 nov. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zjczpqsU888&t=248s>. Acesso em: 14 out. 2021.

MATOS, Sílvia Maria Santos, SANTOS, Antônio Carlos dos. O mundo comum: a questão ambiental em Hannah Arendt e Bruno Latour. **Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea**, vol. V, n. 1-2, 2017. Disponível em: https://www.rivistaquadranti.eu/riviste/06/Matos_e_dos_Santos_07.pdf. Acesso em: 8 jul. 2023.

MATURANA-ROMESÍN, Humberto, MPODOZIS, Jorge. The origin of species by means of natural drift. **Revista Chilena de História Natural**, versión impresa ISSN 0716-078X, v. 73, n. 2, Santiago, jun. 2000. Acesso em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0716-078X2000000200005>. Disponível em: 14 ago. 2022.

NOBRE, Carlos. Roda-Viva [entrevista]. **TV Cultura**, 28 out. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ccQTQieUZ-Q&t=1752s>. Acesso em: 10 fev. 2020.

POVINELLI, Elizabeth. **Catástrofe ancestral e existências no liberalismo tardio**. São Paulo: Ubu, 2024. 256 p.

PRIGOGINE, Ilya. **As leis do caos**. São Paulo: Unesp, 2002. (109 p.) p. 7-10. Introdução. / p. 11-6. Capítulo 1.

SENNA, Mônica. **Explicações sobre a teoria de Gaia, de James Lovelock, e sobre o modelo Mundo das Margaridas** (Daisyworld). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sCxIggZA7ag&t=0s>. Acesso em: 13 jul. 2023.

Discussão da COP-28: <https://agencia.fapesp.br/apesar-das-criticas-cop28-teve-avancos-importantes-que-podem-beneficiar-o-brasil/50557>

Debate IEA em 16-5-2024 conduzido por Pedro Jacobi / Contém nos minutos iniciais um retrospecto das conferências da ONU desde 1972: <https://www.youtube.com/watch?v=XVYLW4noMdw>

WISNIK, Guilherme. **Dentro do nevoeiro** – arquitetura, arte e tecnologia contemporâneas. São Paulo: Ubu/Fapesp, 2018. (352 p.) p. 263-307. Sinais de fumaça: blur, tornados, imagem-enigma.

2. A PRODUÇÃO DO CONSUMO

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento** – fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (254 p.) p.113-56. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas.

APPADURAI, Arjun (org.). **A vida social das coisas** – as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Rio de Janeiro: EDUFF, 2008. (399 p.) p. 15-87. Introdução: mercadorias e a política de valor.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. (352 p.) p. 138-48. A sociedade de consumidores.

BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da economia política do signo**. Rio de Janeiro/Lisboa: Elfos/Edições 70, 1995. (223 p.) p. 191-212. “Design” e ambiente ou a escalada da economia política. / p. 213-22. Sobre a realização de desejo no valor de troca.

COSTA, Iná Camargo, CEVASCO, Maria Elisa. Prefácio – para uma crítica do jogo aleatório dos significantes. In: JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo** – a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1997. (431 p.) p. 5-11.

COSTA, Jean Henrique. A atualidade da discussão sobre a indústria cultural em Theodor W. Adorno. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 36, n. 2, p. 135-54, Aug. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732013000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2020.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. (238 p.) p. 9-12. Advertência da edição francesa de 1992. / p. 13-25. A separação consumada. [teses 1-34] / p. 27-35. A mercadoria como espetáculo. [teses 37-53]



FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 2007. (223 p.) p. 32-4. A produção do consumo.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (598 p.) p. 253-81. Os anos dourados.

HUND, Emily. A indústria de influenciadores: entrevista com Emily Hund. Portal **DigiLabour Laboratório de Pesquisa**. Disponível em: <https://digilabour.com.br/2022/10/19/a-industria-de-influenciadores-entrevista-com-emily-hund/>. Acesso em: 20 out. 2022.

ISHERWOOD, Baron, DOUGLAS, Mary. **O mundo dos bens** – para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. (303 p.) p. 118-47. Exclusão, intrusão.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991. (216 p.) p. 77-119. A sociedade burocrática do consumo dirigido.

PIZZIO, Alex. O mundo do trabalho e o mundo dos bens: aspectos da justiça social. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, vol. XIII, n. 3-4, p. 521-54, set-dez. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200004. Acesso em 28 ago. 2019.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002. (216 p.) p. 130-45. Os significados das coisas.

TIBURI, Márcia. **Indústria cultural**. Filosofia em comum [blog]. Disponível em: <https://youtu.be/nq6KMMoqNuk>. Acesso em: 3 ago. 2022.

3. A PRODUÇÃO FLEXÍVEL

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura – Volume 1** – A sociedade em rede. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (698 p.) p. 67-118. A revolução da tecnologia da informação.

GOUNET, Thomas. **Fordismo e toyotismo na civilização do automóvel**. São Paulo: Boitempo, 1999. (117 p.) p. 25-51. O toyotismo. / p. 51-3. Observações finais.

LATOUR, Bruno. The Berlin Key or how to do words with things. In: GRAVES-BROWN, Paul (ed.). **Matter, materiality and modern culture**. London/New York: Routledge, 2000. (192 p.) p. 10-21. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/P-36-Berliner-KEY-GBpdf.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2024.

NEGRI, Antonio, VERCELLONE, Carlo. The capital/labor relationship in cognitive capitalism. **Multitudes**, vol. 32, issue 1, 2008, p. 39-50.

4. O MUNDO CODIFICADO

EVERLING, Marli T., KAHLMEYER-MERTENS, Roberto S. A manifestação de "mundo artificial" em Hannah Arendt e no campo do design. **Estudos em Design**, Revista (online), Rio de Janeiro, vol. 31, n. 2, 2023, p. 6-20. Disponível em: <https://eed.emnuvens.com.br/design/article/download/1703/560>. Acesso em: 12 set. 2023.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado** – por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac-Naify, 2007. (222 p.) p. 51-8. A não-coisa (1). / p. 59-65. A não-coisa (2).

GORZ, André. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005. (106 p.) p. 38-52. Transformações do conhecimento em capital imaterial – do milagre à miragem.

GULLAR, Ferreira. Teoria do não-objeto. In: COCCHIARALLE, Fernando, GEIGER, Anna Bella. **Abstracionismo geométrico e informal** – a vanguarda brasileira nos anos cinquenta. Rio de Janeiro: Funarte, 2005. (310 p.) p. 237-41.

HAN, Byung-Chul. **Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida**. 1. ed. São Paulo: Vozes, 2022. (176 p.) p. 11-30. Da coisa à não-coisa.



MATOS, Olgária. O mal-estar na contemporaneidade: performance e tempo. **Revista do Serviço Público de Brasília**, vol. 59, n. 4, p. 455-68, out.-dez. 2008. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/159/164>. Acesso em: 19 jul. 2018.

POSTONE, Moishe. **Tempo, trabalho e dominação social** – uma reinterpretação da teoria crítica de Marx. São Paulo: Boitempo, 2014. (483 p.) p. 17-59. Introdução.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos Avançados**, v. 2, n. 2, 1988, p. 46-71. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8489/10040>. Acesso em 19 ago. 2019.

5. O DESIGN COMO PRODUÇÃO DE VALORES

ARRUDA, Amilton J. V., FERROLI, Paulo César Machado, LIBRELOTTO, Lisiane Ilha. **Design, artefatos e sistema sustentável**. 1. ed. Rio de Janeiro: Blucher, 2018. [e-book]. (367 p.) p. 61-85. Sustentabilidade, desenvolvimento e inovação no século 21: demandas para o design de materiais avançados.

BAYLEY, Stephen, CONRAN, Terence. **Design: intelligence made visible**. London: Conran Octopus, 2007. 335 p.

ESCOBAR, Arturo. **Designs for the pluriverse** – radical interdependence, autonomy, and the making of worlds. Durham/London: Duke University, 2018. (313 p.) p. 3-6. The argument and the book's outline.

HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011. (235 p.) p. 151-6. A destruição criativa da Terra. [excerto].

MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. De Marx a Illich: economia, ecologia e tecnologia na obra de André Gorz da década de 1970. **Análise Social**, Lisboa, n.219, jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt>. Acesso em: 11 mar. 2020.

PAPANEK, Victor. **Design for the real world** – human ecology and social change. Chicago: Academy, 2000. (394 p.) p. IX-XIV. Preface to the first edition. / p. XV-XXI. Preface to the second edition. / p. 3-27. What is design? – a definition of the function complex.

Coordenador do Curso	Prof. Ivo Eduardo Roman Pons	Diretor da Unidade	Prof. Carlos Leite de Souza
----------------------	------------------------------	--------------------	-----------------------------